

JOSH MALERMAN



MALORIE

TOP
SEL
LER

Doze anos depois, ainda não há explicação.

Ainda não há solução.

Malorie é dedicado a Kristin Nelson.

ESCOLA
DE
JANE TUCKER
PARA
INVISUAIS

Malorie tem as costas coladas à parede de tijolo de uma sala de aula. A porta está trancada. Está sozinha. As luzes estão apagadas.

Ela está vendada.

Lá fora, no corredor, começou a violência.

Conhece bem o som, ouviu-o em pesadelos, ouviu-o nos ecos de uma casa a desmoronar-se com pessoas sãs destruindo-se umas às outras enquanto ela dava à luz o seu filho.

Tom está algures lá fora nessa violência, naquele preciso momento. Malorie não faz ideia onde.

Inspira. Sustém a respiração. Expira.

Leva a mão à porta, para a destrancar, para a abrir, para ir à procura do filho e da filha por entre os gritos, o histerismo, o frenesim. Ouve-se uma pancada seca do outro lado da porta. Parece o som de alguém a bater com a cabeça na parede do corredor.

Retira a mão da maçaneta e recua uns passos.

Da última vez que viu Olympia, a menina de 6 anos estava a ler livros em braille na Biblioteca Tucker. Havia cerca de uma dúzia de crianças presentes, escutando a música clássica que ecoava das colunas da escola, emitida pelo gira-discos no escritório.

Malorie tenta escutar as vozes dessas pessoas agora. Precisa de saber se essa violência já chegou à biblioteca. Se já alcançou a sua filha. Se for o caso, irá à procura de Tom primeiro.

Põe-se à escuta.

Os filhos ensinaram-lhe muito sobre o ato de escutar desde que entraram para a Escola de Jane Tucker para Invisuais. E embora Malorie jamais ouça o mundo que eles ouvem, vale a pena tentar.

Mas há demasiado ruído lá fora. Caos. É impossível distinguir as diferentes vozes.

Pensa em Annette. A mulher cega, muito mais velha do que ela, cujo nome ouviu alguém gritar há escassos minutos, quando Malorie, esfomeada, atravessava o corredor em direção à cantina. Antes de Malorie ter tempo de processar a natureza desse grito, a própria Annette surgira ao virar da esquina, vestida com um roupão azul e o cabelo ruivo esvoaçando atrás dela como sirenes giratórias, de faca em riste. Malorie apenas tivera tempo de reparar nos olhos abertos e desfocados da mulher, antes de fechar os seus próprios olhos.

Malorie pensara: *Ela é cega... como pode ter enlouquecido?* e depois deixara-se ficar completamente imóvel. Annette passara por ela, a respiração ofegante, o passo apressado, e Malorie, escutando os primeiros rugidos guturais provenientes do interior da escola, entrara às cegas na sala de aulas mais próxima e trancara a porta atrás de si.

Agora leva novamente a mão à maçaneta.

Da última vez que viu Tom, ele estava no que em tempos fora a sala de convívio dos funcionários, com as peças de uma nova invenção espalhadas junto aos joelhos. Malorie é responsável por essas peças. Com apenas 6 anos, Tom, o rapaz, possui a mesma capacidade de invenção que Tom, o homem, e também seu homónimo, tivera. Muitas vezes o instinto de Malorie fá-la querer alimentar esse impulso. Sente que é esse o dever de uma mãe. Ou pelo menos o que uma mãe *deveria ter feito*, no mundo antigo. Agora, no atual, ela destrói tudo o que Tom cria e relembra-o de que a venda é a única proteção de que alguma vez irão necessitar.

Porém, Annette é cega.

E agora está louca.

Um palavrão súbito chega-lhe do outro lado da porta trancada. Duas pessoas brigam no átrio. Um homem e uma mulher. E não é difícil visualizar as imagens que correspondem aos sons que eles emitem. Esgatanhando-se, arranhando-se. Dedos enfiados nos olhos, dedos goelas abaixo, o partir de um osso e o rasgar do que parece ser uma garganta.

Só com as mãos?

Malorie não se mexe. Um corpo embate na porta de madeira e escorrega para o chão de mosaico. A pessoa que ganhou a luta, seja ele ou ela, está a arfar do outro lado.

Malorie escuta. Inspira, sustém a respiração, expira. Sabe que não há maneira de travar o pânico. Quer tentar ouvir o que se passa na outra extremidade do corredor, além desse arfar, os gritos das pessoas que moram ali, as coisas exatas que dizem, a localização exata dos seus filhos. Recorda ter dado à luz no sótão de uma casa, um lugar muito mais pequeno do que aquele. Recorda um grito ecoando no piso de baixo: «O Don arrancou os cortinados!»

Quem os terá arrancado na escola?

No corredor, a respiração ofegante cessou. Mas os sons distantes de punhos contra madeira, de punhos contra punhos e dos últimos vestígios de sanidade começam a soar mais alto.

Malorie destranca a porta da sala de aulas. Abre-a.

Não há qualquer movimento imediato no corredor. Ninguém se atira a ela. Ninguém fala sequer. A pessoa que venceu a briga já se foi embora. Uivos irrompem do interior do edifício. Sinais de morte abafados, últimos desejos e palavras. O embate de punhos, o estalar da madeira. Gritos e palavras incompreensíveis, portas abrindo-se e fechando-se com força. Crianças aos gritos. A música do escritório ainda a tocar.

Malorie passa por cima do corpo caído na soleira da porta aberta. Sai para o corredor, mantendo-se colada à parede. Um alarme ecoa. A porta de entrada da escola está aberta. O pulsar ritmado é tão dissonante da música clássica que, por uns confusos instantes, Malorie tem a sensação de também já ter perdido o juízo.

Os seus filhos estão algures nesse furor.

Trémula, tenta fechar os olhos uma terceira vez, atrás das suas pálpebras já fechadas, atrás da venda apertada à volta da sua cabeça, fechar a mente à ideia do aspeto que tudo aquilo decerto terá.

Desliza ao longo da parede de tijolo. Não chama por Tom ou por Olympia, apesar de ser exatamente isso que deseja fazer. Inspira, sustém a respiração, expira. Os tijolos arranham-lhe os ombros e os braços despídos, e arrepanham o tecido da camisola de alças branca. O som do alarme aumenta à medida que ela se aproxima do fim desse corredor, do local exato de onde Annette emergiu empunhando uma faca enorme. Mais à frente, há pessoas aos gritos. Alguém está próximo dela. Passos pesados e desajeitados ecoam no chão, o arfar de alguém não habituado a tanto esforço.

Malorie imobiliza-se.

O homem passa por ela, arfando, murmurando entre dentes. Estará louco? Malorie não faz ideia. Não tem como saber. Limita-se a avançar colada à parede, experimentando, curiosamente, uma certa gratidão pelos dois anos que ela e os filhos moraram neste lugar. Por essa pausa da vida na estrada. Todavia, essa dívida é um berlinde caído num areal de esferas de vidro, para nunca mais ser encontrado. Um horror que há muito ela antecipava.

Não te desleixes.

Esse seu mantra de três palavras não tem qualquer significado agora. A prova sendo que ela já se desleixou, pois não faz ideia de onde estão os filhos.

Uma pancada metálica ressoa no ar, a música e o alarme soam mais alto.

Malorie não tenta acalmar as crianças que ouve gritar. Não se afasta do seu caminho às escuras para lhes acudir. Continua a avançar, tão rente à parede que os tijolos a fazem sangrar.

Movimento adiante, na direção dela, passos rápidos e uniformes. Ela sustém a respiração. Mas a pessoa não passa por ela.

— Malorie?

Alguém com os olhos abertos. Uma mulher. Quem?

— Deixa-me em paz — responde-lhe Malorie. — Por favor.

Essas palavras trazem-lhe à memória a sua própria voz suplicante seis anos antes, no sótão no qual deu à luz.

— Que aconteceu, Malorie?

Malorie julga tratar-se de uma mulher chamada Felice. Mas a única coisa que importa é se a mulher está louca ou não.

— Eles entraram? — quer saber a mulher.

— Eu não...

— *Estão todos loucos!* — exclama a mulher.

Malorie não lhe responde. A mulher pode estar armada.

— Não podes ir nessa direção — avisa-a a mulher.

Malorie sente uma mão no seu pulso despido. Encolhe o braço, e embate com o cotovelo nos tijolos atrás de si.

— Que *se passa* contigo? — pergunta-lhe a mulher. — Julgas que *eu* estou louca?

Malorie afasta-se dela, os braços estendidos à sua frente, à espera de ser agredida. Avança em direção ao fim do corredor, onde sabe que existe uma vitrina de vidro a todo o comprimento da parede, algo que em tempos serviu para guardar troféus, conquistas, provas de progresso numa escola para invisuais.

Porém, não consegue impedir-se de ir contra a vitrina.

Estilhaça o vidro com um ombro e sente imediatamente os cortes na pele, mornos. Grita com a intensidade da dor, mas a sua voz é abafada pelo caos crescente nos corredores.

Continua a andar. E continua a não chamar por eles. Tateando a parede com os dedos agora tingidos de vermelho, aproxima-se dos lamentos, dos gritos, do som de metal batendo em metal, de punhos colidindo com punhos.

Alguém lhe roça no ombro e Malorie vira-se repentinamente para empurrar a pessoa, mas apenas sente o ar.

Não está ali ninguém. Mas ela sente frio. Não quer ser tocada por ninguém.

Por coisa nenhuma.

Pensa em Annette, cega, mas louca.

Sim, também é possível enlouquecer à maneira antiga. No entanto, Malorie sabe qual é o aspeto dessa loucura específica causada pelas criaturas.

Annette não se passou, simplesmente. E se a mulher não vê nada... o que terá acontecido?

— Mãe!

Malorie detém-se. Será Olympia? O grito urgente mas distante da rapariga a quem ela não deu à luz, mas que ainda assim criou como sua filha?

— Alguém desligue a música — pede Malorie, a precisar de dizer alguma coisa, de ouvir uma voz sã familiar ao mesmo tempo que arrasta os dedos sobre os tijolos, que toca no quadro onde nesses dois últimos anos os avisos comunitários alertavam as pessoas para eventos escolares.

Adiante, um grito. Atrás dela, o estalar de madeira. Uma pessoa passa por ela a correr. Depois outra.

Malorie não grita. Limita-se a avançar com os joelhos trémulos e o ombro reluzente do ferimento recente. Os seus ouvidos tentam escutar um eco da voz que gritou «mãe», um dos seus filhos talvez, vindo à superfície para respirar e depois afundando-se nas ondas furiosas adiante no corredor.

Diz a si própria para avançar de forma determinada, mas cautelosa. Tem de estar alerta, tem de estar de pé.

Um rapaz grita adiante. Uma criança. Parece ter enlouquecido.

Inspira, sustém a respiração, expira. Avança na direção do barulho exasperante, os sons de uma comunidade inteira a perder o juízo em simultâneo. Uma segunda criança, talvez. Uma terceira.

— Elas conseguiram entrar — diz ela. Mas não precisa de o dizer. E, dessa vez, o som da sua própria voz não lhe traz qualquer conforto.

À sua direita, uma porta abana. Adiante, à esquerda, algo com rodas embate contra os tijolos. Pessoas gritam palavrões.

Malorie faz um esforço para não visualizar na sua mente tudo o que está a acontecer. As expressões nos rostos dos homens e mulheres com quem partilhou aquele edifício durante dois anos. As lascas nos tijolos. A destruição. Os ferimentos e o sangue. Inclusivamente, tenta negar-se a memória da visão, como se o simples imaginar do que está a acontecer neste espaço a pudesse levar à loucura.

Recusa-se a imaginar uma criatura. Tão pouco se permite fazer isso.

Algo bate no seu ombro ferido. Malorie cobre-o com a mão. Não quer que lhe toquem. Vem-lhe à cabeça que Annette foi tocada. Está preocupada, horrorizada, com a ideia de que as criaturas possam ter começado a... *tocar*.

Era só um pedaço de madeira, provavelmente. Ou outro tijolo. Ou um dedo a sair disparado de uma mão.

Uma mulher geme. Uma criança fala.

Fala?

— Mãe?

Uma mão na sua.

Basta um segundo para ela reconhecer a mão de Olympia.

A demência amplifica-se mais à frente.

— Por aqui — diz-lhe Olympia.

Malorie não pergunta à filha porque estão a caminhar na direção da violência, em vez de no sentido contrário. Sabe que deve ser porque Tom se encontra do lado de lá desse cenário.

Apesar dos seus 6 anos, Olympia segue à frente.

Malorie chora. Não consegue evitar. É como se, nas suas trevas privadas, estivesse a entrar na casa no preciso instante em que Don arrancara os cortinados. Como se nunca tivesse subido o rio rumo à Escola de Jane Tucker para Invisuais. Como se estivesse a tombar, de costas, através do chão do sótão, direita aos acontecimentos hediondos lá em baixo.

Tom, o homem, morrera naquele dia. O homónimo do seu filho. Mas Malorie não o testemunhara. Fora afastada, se é que tal palavra se aplica, fora levada para o sótão, mais segura do que

o resto das pessoas na parte de baixo da casa. Mas aqui, neste exato momento, ela ouve a carnificina de muito perto, não há pisos que se entreponham entre ela e a confusão, pessoas normais a transformarem-se. Outrora homens e mulheres civilizados, agora completamente enlouquecidos, praguejando, magoando-se uns aos outros e a si próprios.

Algo enorme cai no chão. Uma explosão de vidros.

Malorie não conseguiria ouvir a filha se ela falasse. Estão no epicentro da confusão.

Olympia agarra-lhe a mão com mais força.

Alguém vai contra Malorie, canela contra canela. Então, tijolos outra vez, junto ao seu ombro ferido. Reconhece algumas vozes. Há dois anos que vivem neste lugar. Conhecem muitas pessoas. Fizeram amigos.

Não fizeram?

Quando Malorie se adentra ainda mais na confusão, ouve uma pergunta distante, colocada na sua própria voz, na sua própria cabeça, sobre se terá sido justificada nas suas fortes precauções de segurança, o facto de ter sido frequentemente criticada por usar a venda dentro do edifício. Oh, como as pessoas deste lugar tinham ficado ofendidas com as medidas dela. Oh, como isso lhes dera a impressão de que Malorie se achava superior a elas...

— Tom — diz Olympia.

Ou pelo menos Malorie julga ouvi-lo. O mesmo nome do homem que ela mais admirava no mundo, um otimista numa época de desespero total. Sim, Tom, o rapaz, é muito parecido com Tom, o homem, embora o homem não seja pai dele. Malorie não o pode impedir de desejar construir vendas mais fortes, cobrir as janelas com camadas de madeira, pintar janelas falsas no quarto que foi deles durante dois anos.

Mas pode impedi-lo de o fazer.

Alguém bate em Malorie, acertando-lhe na parte lateral da cabeça. Ela vira-se bruscamente, tentando afastar a pessoa, mas Olympia puxa-a ainda mais para o centro da confusão.

— Olympia — diz ela. Mas não diz mais nada. Não consegue falar. Agora há corpos encostados ao seu, objetos partem-se por cima e atrás dela, palavras são-lhe segredadas ao ouvido.

Ela pode fingir que se trata de uma celebração, os gritos deixam de ser de terror e passam a ser de entusiasmo. As pancadas fortes somente pés pesados numa pista de dança. Nada de angústia, somente alegria.

Seria dessa maneira que Tom, o homem, escolhia encarar o mundo? E se assim fosse... poderia ela fazê-lo também?

— Tom — diz Olympia. Dessa vez, Malorie ouve-o com clareza e percebe que estão do outro lado da violência.

— Onde?

— Aqui dentro.

Malorie estende os braços, sente a ombreira da porta aberta de uma sala de aula. Sente o odor a pessoas.

— Tom? — pergunta ela.

— Mãe — responde Tom. Ela ouve o sorriso na voz dele. Percebe que ele está orgulhoso.

Ela aproxima-se, baixa-se e procura os olhos dele às apalpadelas. Estão cobertos com o que lhe parece ser cartão e vem à memória de Malorie a imagem de Tom, o homem, envergando um capacete feito de almofadas de sofá e fita-adesiva.

O alívio que sente não é afetado pelo caos nos corredores. Tem os filhos novamente consigo.

— Levanta-te — diz-lhe ela, a sua voz ainda trémula. — Vamos embora daqui.

Ela entra na divisão, encontra as camas e retira três cobertores.

— Vamos novamente pelo rio? — pergunta-lhe Tom.

Atrás deles, a loucura não abranda. Botas ecoam de um lado para o outro nos corredores. Vidro que se estilhaça. Crianças que gritam.

— Não — responde Malorie. Então, desesperada: — Não sei. Não tenho nenhum plano. Peguem nisto.

Entrega um cobertor a cada um.

— Cubram-se da cabeça aos pés.

Recorda Annette cega, o roupão azul, o cabelo ruivo, a faca.

— Elas agora podem tocar-nos — explica ela.

— Mãe — diz Tom, mas Malorie agarra-lhe na mão. A violência cresce, tragando as perguntas que ele estava prestes a fazer-lhe. Olympia agarra a outra mão de Malorie.

Malorie inspira, sustém a respiração, expira.

— Ora bem — diz ela. — *Agora...* vamos sair daqui.

Saem, juntos, da sala de aula para o corredor.

— A porta de entrada — indica ela.

A mesma porta por onde entraram dois anos antes. O corpo e a mente de Malorie na altura completamente esgotados de remar e do terror constante de navegar às cegas na água.

E também do medo de um homem chamado Gary.

— Malorie?

Malorie, debaixo do cobertor, agarra as mãos dos filhos com força. É um homem chamado Jesse quem lhe dirige a palavra. Malorie sabe que Jesse, quando ainda não estava louco, tinha um fraquinho por ela. Mas o homem agora não lhe soa nada normal.

— Malorie? Para onde vais levar os miúdos?

— *Continuem* — ordena Malorie. Não se vira para trás. Não responde a Jesse, que agora segue imediatamente atrás deles.

— Malorie — chama ele. — Não te podes ir embora.

Malorie cerra o punho, dá meia-volta e desfere um soco.

O seu punho acerta no que ela pensa ser o maxilar de Jesse.

Ele dá um grito.

Ela segura as mãos dos filhos com força.

Tom e Olympia encostam-se a ela e o trio dirige-se para a porta de entrada aberta.

— A minha venda resultou — diz-lhe Tom. Não obstante todo o horror, percebe-se o orgulho na voz dele.

— É aqui — afirma Olympia, referindo-se à porta.

Malorie pousa a palma da mão na ombreira da porta. Põe-se à escuta, tentando ouvir Jesse. Ou outra pessoa qualquer.

Inspira. Sustém a respiração. Expira.

— Quantas estão lá fora? — pergunta. — Quantas é que vocês ouvem?

As crianças ficam em silêncio. O frenesim continua a fazer-se ouvir no interior da escola. Mas agora parece distante. Mais longe. Malorie sabe que Tom quer responder às perguntas da mãe com precisão. Mas não é capaz.

— São demasiadas, não dá para contar — replica ele.

— Olympia?

Uma pausa. Um estrondo algures na distância atrás deles. Um grito.

— Muitas — replica Olympia.

— Certo. *Certo*. Não tirem os cobertores. Usem-nos até eu vos dizer. Elas agora tocam em nós. Entendido?

— Sim — responde Tom.

— Sim — responde Olympia.

Malorie tenta fechar os olhos uma terceira vez. Tenta fechar a sua imaginação ao que acontece lá fora.

Muitas.

Tenta fechar os olhos uma quarta, uma quinta e uma sexta vezes. Tem vontade de dizer algo sobre quão injusto aquilo é. Tem vontade de dizer a sua idade a alguém. Que cresceu antes de as criaturas terem aparecido. Que uma mãe e os seus filhos não deveriam ser obrigados a fugir do lugar a que chamam lar, assim de repente, para entrarem num mundo onde as ameaças são maiores do que as que deixam para trás.

Agarra as mãos dos filhos e dá o primeiro passo para sair da Escola de Jane Tucker para Invisuais.

Este é o mundo novo. É assim que as coisas são e como têm sido há alguns anos.

Do histerismo ao desconhecimento total.

Os três, cegos, cobertos com mantas, de partida.

Sozinhos.

Mais uma vez.

DEZ ANOS DEPOIS



Tom está a tirar água do poço. É algo que faz dia sim dia não há quase uma década, o tempo que os três têm chamado lar ao Acampamento Yadin. Olympia está convencida de que o acampamento foi um posto avançado do século XIX, aquando do avanço dos limites territoriais dos estados americanos para o Oeste. Ela leu praticamente todos os livros na biblioteca do acampamento (mais de mil exemplares), incluindo livros sobre a história do Michigan. Segundo ela, em tempos, o edifício principal do acampamento foi uma taberna. E a Cabana Um era a cadeia.

Tom não sabe se ela tem razão ou não, embora não tenha motivos para duvidar. O espaço era um campo de férias judaico quando as criaturas apareceram, isso é algo de que têm a certeza. E agora é o lar deles.

— Mão sobre mão — diz ele, pegando na corda que liga a Cabana Três ao rebordo de pedra do poço. Di-lo porque, não obstante as cordas que unem todos os edifícios (e ligam inclusivamente a Cabana Dez à doca no lago), está a tentar conceber uma melhor forma de as pessoas se deslocarem.

Tom odeia as vendas. Às vezes, quando se sente particularmente preguiçoso, nem sequer a usa. Mantém os olhos fechados. Mas as regras intermináveis da sua mãe permanecem firmes na sua mente.

Não basta fechar os olhos. Vocês podem assustar-se com algo e abri-los de forma involuntária. Ou algo pode abri-los por vocês.

Claro. Sim. Na teoria, Malorie tem razão. Na teoria, costuma ter razão. Mas quem quer viver com base em teorias? Tom tem agora 16 anos. Nasceu neste mundo. E ainda nada tentou abrir-lhe os olhos.

— Mão sobre mão.

Está quase a chegar. Malorie insiste para que ele verifique a água antes de a levar para cima. Já lhe contou a história dos dois homens chamados Felix e Jules inúmeras vezes. Sobre como o homónimo dele, Tom, o homem, testava a água que os dois homens levavam, a água que toda a gente receava poder estar contaminada por uma criatura. Tom, o adolescente, gosta dessa parte da história. Identifica-se com o teste. Identifica-se até com a ideia de obter nova informação sobre as criaturas. Toda a informação que se obtivesse seria mais útil do que aquela de que dispõem atualmente. Mas não está preocupado com a possibilidade de haver algo a nadar na água potável deles. O filtro que inventou resolveu esse assunto.

Além do mais, apesar da preocupação constante de Malorie, nem mesmo ela acredita que a água possa enlouquecer.

— Cheguei! — exclama ele.

Estende o braço e toca no rebordo antes de embater nele. Já percorreu esse caminho tantas vezes que seria capaz de o fazer a correr e mesmo assim parar antes de alcançar o círculo de pedra.

Debruça-se sobre o rebordo e grita para o túnel escuro.

— Sai daí de dentro!

Esboça um sorriso. Escuta o eco da sua voz — o som é cheio — e Tom gosta de imaginar que há alguém a gritar para ele. Por muito afortunados que sejam por terem encontrado um campo de férias abandonado com inúmeros edifícios e equipamentos, o dia a dia consegue ser um pouco solitário.

— O Tom é o maior! — grita, só para ouvir o eco.

Nada se mexe na água lá em baixo e Tom começa a içar o balde. É uma manivela normal, feita de metal, e já a consertou inúmeras vezes. Também lhe põe óleo com regularidade, uma vez que o acampamento tem tudo e mais alguma coisa. Há uma cave cheia de mantimentos no edifício principal, uma visão que, quando ali chegaram, há dez anos, levou Malorie às lágrimas.

— Uma conduta que levasse a água diretamente até nós — diz Tom, dando à manivela. — Podíamos montá-la no sítio onde está a corda. Passava pelo filtro que já existe. Bastaria rodar um manípulo e pronto. Água potável direitinha até nós. Acabava-se a história da mão sobre mão na corda. Nem teríamos necessidade de sair da cabana.

Não que o percurso seja complicado. E qualquer desculpa para sair vale a pena. Mas Tom quer que as coisas melhorem.

Não pensa noutra coisa.

Com o balde içado, retira-o do gancho e leva-o para a Cabana Três, a maior de todas, onde ele, Olympia e Malorie têm dormido quase sempre. As Regras da Mãe não permitirem que Tom ou Olympia durmam noutra lugar, não obstante as necessidades crescentes deles, uma regra que Tom tem cumprido sempre.

Se for preciso, podes passar o dia todo numa das outras cabanas. Mas dormimos juntos.

Ainda. Uma década depois.

Tom abana a cabeça e tenta desvalorizar a situação. Que mais pode fazer? Olympia falou-lhe em privado nas diferenças geracionais sobre as quais lera nos livros dela. Diz que é normal os adolescentes sentirem que os pais são «de outro planeta». Tom concorda claramente com os autores a esse respeito. Malorie comporta-se como se eles pudessem enlouquecer a qualquer instante. E Tom e Olympia já se interrogaram em voz alta, cada um à sua maneira, sobre o valor de uma vida cujo único objetivo seja continuar a viver.

— Está bem, mãe — diz Tom, com um sorriso. É-lhe mais fácil sorrir perante essas coisas. Nas poucas ocasiões em que

desconhecidos visitam o acampamento deles, a casa deles, Tom tem conseguido discernir que Malorie é muito mais exigente do que a maioria das pessoas. Ouviu-o nas vozes dos outros. Testemunhou-o inúmeras vezes na escola para invisuais. Muitas vezes se sentiu envergonhado por viver sob o constante controlo dela em público. As pessoas olhavam-na como se fosse... qual era a palavra que Olympia empregara?

Abusiva.

Sim. Era isso. Se Olympia considera Malorie abusiva ou não, isso é completamente irrelevante. Tom acha que sim.

Mas que pode fazer? Deixar a venda dentro de casa, por exemplo. Fazer apontamentos e sonhar com formas de combater as criaturas. Recusar-se a usar mangas compridas e capuz no dia mais quente do ano. Como hoje.

À porta das traseiras da cabana, Tom ouve movimento no interior. Não é Olympia, é Malorie. O que significa que não pode simplesmente abrir a porta e pousar o balde cheio de água no interior. Vai ter mesmo de vestir a camisola.

— Merda... — exclama Tom.

Tantas manias, tantas excentricidades da mãe que se intrometem na sua existência, na forma como gostaria que as coisas fossem.

Pousa o balde na relva e tira a camisola de manga comprida e capuz do cabide exterior. Enfia os braços nas mangas, mas não se dá ao trabalho de pôr o capuz. Malorie apenas irá verificar um braço.

Pegando novamente no balde, bate à porta cinco vezes.

— Tom? — pergunta Malorie.

Quem mais poderia ser?

— Sim. Balde número um.

O primeiro de quatro baldes. A mesma quantidade de sempre.

— Tens os olhos fechados?

— Vendados, mãe.

A porta abre-se.

Tom estende-lhe o balde na entrada. Malorie aceita-o. Mas não sem antes lhe tocar no braço.

— Lindo menino — diz ela.

Tom sorri. Malorie estende-lhe outro balde e fecha a porta. Tom despe a camisola e torna a pendurá-la no cabide.

É fácil enganarmos a nossa mãe quando ela não pode olhar para nós.

— Mão sobre mão — diz ele. Embora na verdade esteja a caminhar ao lado da corda, com o balde na mão. Malorie explicara-lhe inúmeras vezes como o faziam na casa em Shillingham, a casa onde Tom nascera. Amarravam a corda à cintura e iam buscar água aos pares. Olympia diz que Malorie fala sobre essa casa mais vezes do que imagina. Mas ambos sabem que ela só fala até um certo ponto. Depois disso, nada. Como se o final da história fosse demasiado tenebroso e repeti-lo pudesse levá-la a repetir a experiência.

No poço, de braços nus, Tom prende o segundo balde e dá à manivela. O metal embate na pedra como de costume, porém, não obstante essa cacofonia, Tom ouve um passo na vegetação à sua esquerda. E ouve também o que lhe parecem ser rodas.

Um carrinho de mão a ser empurrado a alguma distância do poço.

Para de rodar a manivela. O balde demora alguns segundos a imobilizar-se.

Está ali alguém. Ele está a ouvir a respiração.

Vem-lhe à mente a camisola pendurada no cabide.

Mais um passo. Um sapato. A vegetação seca cede de maneira diferente sob um pé descalço do que sob a sola robusta de um sapato.

Uma pessoa, portanto.

Não pergunta de quem se trata. Não se mexe do lugar.

Um terceiro passo e Tom interroga-se se aquela pessoa terá consciência da sua presença. Com certeza tê-lo-á ouvido.

— Está aí alguém?

A voz é masculina. Tom percebe que está a ouvir o som de papel, como quando Olympia vira páginas enquanto lê. Terá o homem livros na mão?

Tom está assustado. Mas, ao mesmo tempo, sente um certo entusiasmo.

Um visitante.

Ainda assim, não responde. Algumas das regras de Malorie fazem mais sentido na prática.

Afasta-se do poço. Podia correr em direção à porta das traseiras da cabana. Não seria complicado e saberia exatamente quando parar.

Na sua escuridão pessoal, ele é todo ouvidos.

— Gostava de falar contigo — diz-lhe o homem.

Tom dá mais um passo. As pontas dos seus dedos tocam na corda. Vira-se de frente para a casa.

Ouve o rangido de umas rodas pequenas. Imagina armas dentro do carrinho de mão.

Então começa a andar rapidamente, o mais rápido que alguma vez percorreu esse trajeto.

— Escuta... — diz-lhe o homem.

Porém, Tom está à porta das traseiras e a bater cinco vezes antes de o homem ter tempo de continuar a falar.

— Tom?

— Sim. Despacha-te.

— Tens os...

— Mãe. *Despacha-te.*

Malorie abre a porta das traseiras e Tom quase a abalroa ao entrar.

— Que se passa? — pergunta-lhe Olympia.

— Mãe... — começa por dizer Tom.

Então ouvem-se batidas na porta da frente.

A porta é fina e velha. Malorie já manifestou essa preocupação antes. Não é suficiente para impedir alguma coisa, ou alguém, de entrar.

— É um homem — explica Tom. Entretanto já Malorie lhe deu um toque no ombro. Ele sabe o que isso significa. E também sabe que Olympia sentiu o mesmo toque.

Tom não volta a abrir a boca.

— Olá a todos aí em casa — diz o homem, do outro lado da porta da cabana. — Sou do recenseamento.

Malorie não lhe responde. Tom recorda o som de papéis que ouviu. Um carrinho de mão cheio, talvez?

— Sabem o que é o recenseamento?

Malorie não lhe responde. Tom pensa que talvez tenha de agir. Se o homem tentar deitar abaixo a porta, terá de fazer alguma coisa.

— Não é minha intenção assustar-vos — insiste o homem. — Posso voltar noutra altura. Só não sei dizer-vos quando.

Malorie não lhe responde. Tom sabe que ela não o fará.

Ele quer perguntar a Olympia o que é um recenseamento.

— Só quero falar convosco. Com as pessoas que aí estiverem. Isto pode salvar vidas.

Malorie não lhe responde.

— *Que quererá ele?* — sussurra Tom. Malorie agarra-lhe o punho para o calar.

— Aquilo que eu faço — explica o homem — é recolher histórias. Recolho informação. Tenho bastante conhecimento sobre tentativas falhadas de olhar para as criaturas. Sei de umas quantas histórias de sucesso, de pessoas que têm conseguido ter alguma qualidade de vida. Sabiam que agora há inclusivamente um comboio em funcionamento?

Malorie não responde. De repente, Tom sente vontade de o fazer.

— É verdade... um comboio, aqui mesmo no Michigan. E sabiam que existem mais criaturas agora do que antes? Estima-se que o número tenha já triplicado desde que chegaram pela primeira vez. Têm-se apercebido de algum movimento no exterior da vossa casa?

Malorie não responde. Mas Tom tem muita vontade de o fazer. O que o homem está a dizer interessa-lhe sobremaneira. Porque não trocaram informação? Porque não aprenderem? Se é para terem uma vida melhor, porque não?

— Há provas de uma delas ter sido capturada — continua o homem. — Com certeza tem-se tentado fazê-lo um pouco por toda a parte...

E agora Tom compreende por que motivo Malorie ainda não abriu a boca.

Na opinião dela, aquele homem é perigoso. A mera sugestão de capturar uma criatura deve tê-la paralisado por completo. Isso se não estivesse já paralisada.

— Tenho listas — diz o homem. — Padrões. Muita informação que poderá ser-vos útil. E, em troca, as vossas histórias talvez possam ajudar outras pessoas. Por favor. Podemos conversar?

Malorie não lhe responde.

Porém, Tom fá-lo.

— Tem essa informação por escrito?

Malorie agarra-lhe o pulso com mais força.

— Tenho, sim. — Percebe-se alívio no tom de voz do homem. — Tenho documentação. Aqui mesmo comigo.

Malorie segura-lhe o pulso com tanta força que Tom tem de lhe agarrar a mão para a travar.

— Pode deixá-la na entrada?

Agora fora a vez de Olympia falar. Tom sente uma vontade imensa de a beijar.

Mas o homem fica em silêncio durante uns instantes. Então:

— Isso não me parece uma troca muito justa. Estaria a deixar-vos tudo o que sei, em troca de nada.

Por fim, Malorie fala:

— Acrescente-nos à lista de pessoas que não o quiseram receber.

Tom ouve um suspiro através da madeira da porta.

— Têm a certeza absoluta? — pergunta o homem. — É raro encontrar um grupo. Como devem imaginar, esta não é a tarefa mais produtiva ou segura. Têm a certeza de que não me podem receber durante uma hora? Ou talvez duas? Posso ao menos ficar com os vossos nomes?

— Vá-se embora.

— Está bem — responde ele. — Mas tem noção de que sou apenas um homem a tentar praticar o bem, certo? Estou a tentar arranjar uma forma de todos compreendermos melhor a situação em que nos encontramos. — Então, após o silêncio no interior da casa: — Está bem. Peço desculpa se vos assustei. Estou a ver que foi o caso.

Tom põe-se à escuta. Ouve o homem sair do alpendre, os sapatos nos degraus da cabana, o pisar da vegetação mais abaixo, o carrinho de mão sendo novamente empurrado. Quando Tom alcança a porta, o ouvido encostado à madeira, os passos do homem soam cada vez mais longe, pisando o caminho de terra na distância.

Então ele vira-se para Malorie e Olympia. Mas antes de poder dizer alguma coisa, Malorie antecipa-se-lhe.

— Eu disse-te para não fales — repreende-o. — Para a próxima, *não o faças*.

— Ele foi-se embora — informa Olympia.

Mas Tom já sabe o que Malorie vai responder antes mesmo de ela o fazer.

— Só teremos a certeza depois de passarmos o campo a limpo.

— Mãe — diz-lhe Tom. — Ele não é o Gary.

Malorie não hesita na resposta.

— Nem mais uma palavra — replica ela. — E usa a merda da camisola, Tom.

Tom permanece junto à porta da entrada, enquanto Malorie se prepara para sair, a fim de vasculhar todas as cabanas no campo de férias. O homem pode muito bem estar a dormir numa delas, dirá Malorie. Ou pode estar a acampar no bosque,

dirá ela. Quem sabe há quanto tempo andará a vigiá-los, dirá ela. E o nome «Gary» voltará à baila. Como sempre acontece em momentos complicados.

Contudo, Tom não está a tentar ouvir o que Malorie diz ou não diz. A sua audição está focada no ligeiro roçar do outro lado da porta de entrada da cabana. Enquanto o que deverá ser uma agradável brisa sopra os papéis pousados no alpendre.

A papelada que o homem acabou realmente por lhes deixar.



2

Olympia está sentada em cima da cama, a ler em voz alta. A caligrafia da pessoa que escreveu os apontamentos é algo desleixada. Olympia está convencida de que isso se deve à quantidade de cópias feitas e ao facto de, possivelmente, a pessoa já ter feito muitas quando escreveu aquela em particular. A pilha de páginas é enorme. Maior do que qualquer livro na biblioteca do campo de férias. Ela tenta disciplinar a sua leitura, abrandar o ritmo, mas reconhece na própria voz o entusiasmo sobre o qual leu em inúmeras personagens em inúmeros livros. Havia autores que empregavam expressões como «sofreguidão» e «entusiasmo» para descreverem a sensação que a percorre neste momento. Em certa medida, deve-se à excitação de guardar um segredo. Malorie não sabe que o homem deixou a papelada. E nem imagina que Olympia a lê ao irmão.

— Continua — pede-lhe Tom.

Tom sabe ler, como é óbvio, mas é preguiçoso. Além de que não consegue ficar parado durante muito tempo. Olympia sabe que Tom precisa de se mexer. Sente necessidade de estar em movimento. De estar a *fazer* alguma coisa.

— «Um homem no Texas tentou olhar para uma debaixo de água» — lê Olympia. — «Estavam presentes 17 pessoas. O grupo estava convencido de que havia uma criatura dentro do lago nas traseiras do acampamento onde se encontrava. O homem

ofereceu-se para entrar na água e espreitar. Enlouqueceu debaixo de água, sem nunca ter vindo à superfície para respirar.»

— Alguém deve tê-lo segurado lá em baixo — responde-lhe Tom. — Ninguém consegue... permanecer debaixo de água até morrer. Se conseguisse mexer-se. É impossível.

Olympia assente com a cabeça. Mas não tem tanta certeza. As histórias que Malorie lhes contou, juntamente com as recordações de a escola para invisuais em peso ter enlouquecido em simultâneo, significam que tudo é possível.

— Mas o que é a loucura — pergunta Olympia — se não algo fora do normal?

— Está bem — responde-lhe Tom, andando de um lado para o outro —, mas isto é diferente. O corpo assumiria o controlo da situação. Não é? Mesmo que quisesses afogar-te deixando-te ficar sentada no fundo de um lago... o corpo nadaria para a superfície.

— Não faço ideia.

— Eu também não. Mas isso soa-me algo duvidoso.

— Estás à escuta?

Ele olha para ela com uma expressão séria no olhar.

— É claro que estou à escuta — replica. — Estou sempre.

À escuta de Malorie. Nenhum deles quer ser apanhado em flagrante.

— «Uma mulher no Wisconsin tentou olhar para uma através de um visualizador de eclipses» — lê Olympia. Tom parece consideravelmente mais atento agora. — «Após várias discussões com os seus pares, que tentaram dissuadi-la, experimentou fazê-lo sozinha numa madrugada de primavera. Enlouqueceu de imediato.»

— Certo — diz Tom —, mas como sabemos que só olhou através do visor?

— Penso que está implícito.

Tom ri-se.

— Bem, se há coisa que a mãe nos ensinou é que «implícito» não chega.

Perante a referência a Malorie:

— Estás à escuta?

— Olympia. Continua.

Ela lê para si as frases manuscritas que se seguem.

— Esta parte é muito interessante — informa. — «Pessoas doentes num complexo no Ohio, cientes de que iriam morrer, voluntariaram-se para testar teorias sobre como olhar para as criaturas.»

— Caramba — exclama Tom. — Isso é que é coragem.

— É verdade. «Um homem enlouqueceu ao ver uma gravação em vídeo do mundo exterior.»

— Como a história que a mãe contou.

— Sim. «Um homem enlouqueceu ao ver fotografias tiradas ao mundo exterior. Outro enlouqueceu ao ver os negativos.» O que são negativos?

— Não faço ideia — replica Tom.

— «Uma mulher em fase terminal enlouqueceu ao caminhar no mundo exterior com dois prismas, que antes eram pisa-papéis, encostados aos olhos.»

Olympia estremece. Essas histórias sobre o Ohio descrevem um triste grupo de pessoas doentes vestidas com batas de hospital e deambulando por ruas vazias, dispostas a morrerem em troca de respostas.

— Dispostas a morrerem pelo progresso — diz Tom. — Não obstante estarem em fase terminal, essa é uma atitude nobre.

Olympia concorda com ele.

— Há 50 páginas deste tipo de material.

— E eu quero ouvi-las todas.

— Estás à...

Mas antes de Olympia ter tempo de concluir a pergunta, Tom aponta-lhe o dedo.

— Continua — diz-lhe.

— «Uma mulher percorreu as ruas de Branson, no Missouri, com palas nos olhos, das que em tempos foram utilizadas nos

caballos, com o intuito de testar a ideia de que é a visão periférica que leva à loucura.»

— Isso não vai acabar bem...

— Pois não. Enlouqueceu e entrou à força numa sala de espetáculos. Matou uma família inteira que lá se encontrava escondida.

Então ouve-se o estalido de um galho lá fora e ambos os adolescentes cerram os olhos. Não falam, mal respiram. Ambos ficam à escuta.

Olympia acha que sabe o que é, mas Tom antecipa-se-lhe.

— É um veado.

Ambos abrem os olhos.

— E está são — diz Olympia.

Tom encolhe os ombros.

— Para isso precisava de saber exatamente como se comporta um veado são.

— Pode ser um alce. Pode ser um leão.

Tom abre a boca para refutar, mas Olympia sorri enquanto ele reflete. Ela folheia as páginas.

— Localizações — diz. — Cidades que são...

Mas então cala-se.

— Cidades que são o quê? — indaga Tom.

Assim que Olympia começa a virar a página, ele atravessa rapidamente o espaço entre ambos e senta-se ao lado dela em cima da cama.

— Não passes nada à frente — diz-lhe. — Vá lá.

Olympia mostra-lhe.

— As cidades estão agrupadas de acordo com o quão «modernas» são.

— Modernas? — indaga Tom.

— Penso que se referem a quão... progressistas são no que toca à mentalidade.

Ela repara no brilho que assoma ao olhar do irmão e quase se arrepende de lho ter mostrado. De repente, lamenta o facto de o homem lhes ter aparecido à porta.

— Isso são sítios onde as pessoas tentaram capturar uma criatura?

Agora está empolgado. Olympia faz um gesto para afastar as páginas do irmão, mas de que lhe serve? Então estende-lhas.

— Cum caraças! — exclama Tom. — Ouve esta: «Um casal no norte do Illinois alegou ter trancado uma criatura no barracão das ferramentas. Levaram-me até lá e disseram-me para encostar o ouvido à porta. Ouvi movimento no interior. Depois ouvi chorar. Fingi ter ficado impressionado e depois agradei ao casal e despedi-me. Mais tarde, nessa mesma noite, voltei lá e libertei do barracão o filho de 12 anos do casal.»

— Meu Deus — exclama Olympia. — Que horror!

— Um horror mesmo. E ouve esta: «Um homem em Pittsburgh alegou ter enterrado três criaturas no jardim das traseiras. Mostrou-me o sítio onde a terra ainda estava macia. Quando lhe perguntei se os podia desenterrar, ameaçou-me com uma arma, dizendo-me que me mataria se contasse a alguém o que ele fizera à família. Este trabalho que me propus fazer não é nada fácil.»

— Bolas — diz Olympia. — E não há provas de alguém ter realmente capturado uma.

Tom repara no nome de uma cidade, Indian River, e de uma pessoa, Athena Hantz, mas não pode deixar esse último comentário de Olympia sem resposta.

— Não. Mas isso não quer dizer nada. Há de haver *alguém* que tenha apanhado uma, Olympia. Não te esqueças de que existem muitas pessoas no mundo. Nós moramos num pequeno campo de férias, numa pequena parte do estado do Michigan. Entendes? — Quando ele pausa, Olympia vê distância no olhar dele, como se estivesse a caminho de outros lugares. — Alguém já o deve ter feito. E quero saber quem foi.

— Tom. Deixa-te disso. Não sejas parvo.

Mas, na verdade, Olympia compreende. Uma lista como aquela é tudo o que Tom sempre desejou. Lugares onde as pessoas pensam como ele. Lugares muito afastados de um campo de férias

abandonado que alberga uma mãe com tantas regras como vendas para os olhos.

— Tens algum livro com mapas? — pergunta-lhe ele.

— Na biblioteca. Claro que sim. Porquê? Estás a pensar em partir rumo a um lugar mais progressista?

Tom dá uma risada, mas ela deteta a frustração subjacente.

Tira-lhe as folhas das mãos.

— Listas — diz ela, ansiosa para avançar. Tom, ela sabe-o bem, irá estudar essas páginas durante meses. Talvez até anos. — Tantas listas. Ruas. Incidentes. Temperaturas. Nomes.

— Nomes?

— Julguei que estivesse mais interessado nos resultados do que nas pessoas envolvidas.

Tom dá-lhe uma ligeira cotovelada:

— Deixa-me ver os nomes.

Ela mostra-lhos. Tom semicerra os olhos. Olympia conhece bem essa expressão. Tom está a unir os pontos.

— Sobreviventes — comenta ele.

— Como sabes?

— Olha aqui.

Ele aponta para uma legenda na base da primeira página de nomes. Símbolos ao lado de palavras com a indicação «visto/a», «avistado/a», «consta que» e...

— «Encontrado/a vivo/a»... — diz Olympia. — Caramba.

Ambos se endireitam no lugar.

— Confirma se nós estamos aí — pede-lhe Tom. — Vê em Michigan.

Olympia abana a cabeça.

— Não estamos. Mas *estaríamos* se a mãe o tivesse deixado entrar.

— Ah. Pois...

Ainda assim, Olympia espreita a lista referente ao Michigan. Há dezenas de páginas para esse estado, tal como para a maioria dos estados na região do Midwest.

— Isso é muita gente — diz Tom. — Estás a ver? Alguém já apanhou uma.

— Bem, se tiveres em conta a população há 17 anos, não é tanta gente como isso. Lembras-te de a mãe nos ter falado na lista telefónica? E nas chamadas que eles fizeram?

— Sim. — Tom percebe onde ela quer chegar. — E isso era só naquela zona.

— Exatamente.

Folheiam a lista de nomes. Alguns são ilegíveis. Outros destacam-se.

— Tenho uma ideia — exclama Tom.

Levanta-se da cama de Olympia e dirige-se para a cómoda situada ao lado da dele. Da gaveta de cima extrai um lápis.

— Vamos adicionar os nossos nomes na mesma — sugere.

Olympia fica aliviada. Receava que a lista de cidades modernas fizesse o irmão mergulhar numa espiral de autorreflexão durante semanas a fio. Não seria a primeira vez que Tom se entregava ao silêncio. Em especial quando começava a pensar no mundo fora do acampamento. Não obstante Malorie referir-se a ele como «o meu otimista», a verdade é que Tom tem longas crises de evidente consternação. Olympia lera acerca de personagens que se tornam muito caladas quando ficam mais contemplativas. Mas, em contrapartida, também lera sobre centenas de personagens que tinham mudado no final da história. E que, consequentemente, tinham mudado todos à sua volta.

Tom está novamente ao seu lado. Tira-lhe o livro das mãos e folheia até à última página de nomes do Michigan.

Escreve «Acampamento Yadin» perto do fim da página, onde há espaço em branco. Escreve o nome dele. Em seguida, estende o lápis a Olympia.

A ideia agrada-lhe. Ela sorri enquanto lê a lista aparentemente infinita de pessoas. Mas o seu sorriso começa a esmorecer quando dois nomes lhe saltam à vista, dois nomes que lhe são familiares, embora Malorie raramente se refira a eles pelos nomes.

— Que se passa? — indaga Tom.

Olympia volta atrás na página, confirmando o nome da cidade onde essas duas pessoas foram encontradas.

— Que se passa, Olympia? Pareces assustada.

Ela nem sequer se apercebe de que olha Tom diretamente nos olhos. A única coisa que vê são os dois nomes escritos em gatafunhos e o nome St. Ignace, qual estandarte, esvoaçando timidamente num mundo dizimado por criaturas que levam à loucura todos os que olharem para elas.

— Estás bem, Olympia?

— Temos de chamar a mãe, Tom.

— Ela está a revistar o acampamento. Além disso, não quero que saiba que...

— *Temos de chamar a mãe e já.*

Mantenha os olhos fechados. Ainda há perigo lá fora.

Doze anos depois de Malorie ter fugido com os filhos pelo rio, a venda continua a ser a única coisa que a protege. Basta um vislumbre das misteriosas criaturas para que as pessoas enlouqueçam e cometam atos de violência extrema. Sem qualquer solução à vista, resta-lhe tentar sobreviver e continuar a proteger Tom e Olympia.

Quando um estranho surge à porta do abrigo onde ela se encontra, trazendo-lhe notícias inesperadas e até inverosímeis acerca da possibilidade de sobrevivência de alguém muito próximo, Malorie permite-se a si própria sentir esperança pela primeira vez em muito tempo.

Malorie anseia por recuperar um pouco da sua vida antiga, mas regressar ao mundo lá fora é uma possibilidade assustadora que poderá pôr em risco a sua vida e a dos filhos. Perante os seus maiores medos, Malorie terá de escolher entre viver segundo as regras que a mantiveram segura até ao momento ou enfrentar novamente as trevas em busca de alguma luz ao fundo do túnel.

«Mais um thriller sobrenatural tenso e de cortar a respiração.
Josh Malerman evoca com mestria os horrores apocalípticos.»

Publishers Weekly

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-702-6



9 789895 647026

Literatura Fantástica